

10-07-2020

**“PRECARIZADOS DO MUNDO, UNI-VOS”:** a mensagem que os entregadores por aplicativos nos trouxeram neste 1º de julho!

## René Mendes

[Médico e Professor. Presidente da ABRASTT (Associação Brasileira de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora). Pesquisador Colaborador do Instituto de Estudos Avançados da USP]

Parto com dor (o que é quase redundância, daí ser chamado de *trabalho* de parto...), da reflexão de que o 1º de julho, dia do grande “breque dos apps”, isto é, a greve dos trabalhadores e trabalhadoras do serviço de entregas por plataformas digitais (aplicativos) tenha sido um dia de significativo prejuízo financeiro dos que correram o risco de se recusar a trabalhar, e, por conseguinte, não serem remunerados, e ainda ficarem expostos a retaliações e punições. Contudo, estou certo de que as perdas financeiras poderão ainda ser amplamente compensadas, não pela resposta imediata a seus pleitos, mas pelo imenso significado da greve e das manifestações, algumas ruidosas, muito coloridas e de grande visibilidade. Os acontecimentos daquele memorável dia poderiam ser rotulados como “FATOS PORTADORES DE FUTURO”, os quais, na concepção de Michel Godet, seriam eventos que se constituem em sinal ínfimo por sua dimensão presente, mas imensos por suas consequências e potencialidades. Nada melhor do que identificar algo *portador de futuro*, num *presente tão ausente*, isto é, ausente de sentido, e até marcado por tentativas insanas de tentar negar o passado. No extremo, os negacionismos tentam-nos roubar até o direito ao futuro! Pois, voltemos ao dia 1º deste mês, para o saudar. Como bem observou a Professora Luci Praun, em seu texto que publicou no *Facebook*, o movimento tinha tudo para não acontecer, pois, em princípio, profissionais de serviço de entrega por plataformas digitais (*iFood, Rappi, Uber Eats e Loggi*, entre outros) são ‘autônomos’ e constituem, segundo o discurso neoliberal, expressões pujantes do *empreendedorismo*. Nada mais enganoso e falso do que esta versão, consagrada, aliás, no desmanche trabalhista de 2017 (Lei no.13.467/2017). Aliás, nesta pandemia estes profissionais foram guindados à categoria de ‘essenciais’, para que não parem de servir àqueles e àquelas que se quedam em casa, em isolamento social, única medida recomendada para os que não gostariam de se enfermar e morrer antes da hora... Contudo, estes trabalhadores e trabalhadoras não o podem fazer, e estão a rodar em suas bicicletas, em média, 10km ao dia, e alguns, até 50km por dia, trabalhando em jornadas cada vez mais longas, e ganhando cada vez menos. Mas, apesar de todas as adversidades, estes trabalhadores e trabalhadoras foram capazes de se mobilizar, de se organizar, de se articular, de se comunicar, nos trazendo algum alento e nos enchendo de esperança, com ingredientes de futuro.

Sinto-me particularmente feliz por também haver participado deste movimento, ao organizar um grande evento virtual através do Instituto de Estudos Avançados da USP, com a participação não apenas de alguns especialistas conhecidos e respeitados (Ludmila Costhek Abílio, Renan Bernardi Kalil, Juliana Camilo, Gilmar Ortiz de Souza, entre outros), mas, também, pela participação de lideranças sindicais desta categoria, em especial, os companheiros Gilberto Almeida dos Santos (Gil), presidente, e Rodrigo Ferreira, diretor do Sindicato dos Mensageiros, Motociclistas, Ciclistas e Mototaxistas Intermunicipais do Estado de São Paulo (Sindimoto-SP).

A pauta mais específica desta grande categoria profissional incluiu questões como: aumento das taxas mínimas de entrega e por quilômetros rodados; o fim dos bloqueios e banimentos indevidos e o direito de resposta aos aplicativos; um auxílio para pagamento de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) e para licença remunerada em caso de contágio; um seguro de vida, acidente e roubos, e a criação de legislações específicas para garantir e proteger seus direitos. Ressalte-se, contudo, que esta numerosa categoria profissional, altamente precarizada e especialmente vulnerabilizada pela pandemia, constitui-se em amostra de um universo extremamente numeroso e crescente - e muitos de nós fazemos parte dele -, como bem se pronunciou o Prof. Ricardo Festi, do Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais da UnB, ao redigir a “CARTA ABERTA DE APOIO À GREVE DAS ENTREGADORAS E DOS ENTREGADORES DE APP”, da qual também fui um dos signatários. Aliás, mais do que nunca se faz necessário “*semear consciência e sentimento de classe*”, ensinamento atribuído ao jornalista, sociólogo e ativista político peruano José Carlos Mariátegui La Chira (1894-1930). Como bem salientou a Profa. Luci Praun no site [Esquerda Diário](#) ...

*A greve dos entregadores de aplicativos se constitui, nesse contexto, em sopro de esperança em meio a tantas incertezas. É também expressão da certeza de que é na força do coletivo que encontra-se a possibilidade (e a obrigação) de escrevermos “a poesia de nosso próprio futuro contra o pano de fundo das contradições em rápida evolução do capital hoje” (HARVEY, 2020, p. 122). Que venham outras manifestações e greves! Que com elas também reinventemos o sentido de coletividade!*

Para concluir, propomos mais uma variação do clássico desafio e chamamento de Marx e Engels em seu *Manifesto Comunista* (1848): “*trabalhadores do mundo, uni-vos!*”, ou “*proletários de todos os países, uni-vos!*”, e aqui e agora:

**“PRECARIZADOS DO MUNDO, UNI-VOS!”**

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.